

## **Audiência Pública - Mulheres e crianças imigrantes e refugiadas no estado de São Paulo: troca e escuta**

27/06/2022 - das 14:00 às 18:00

ITTC: A situação das mulheres migrantes em conflito com a Lei

Boa tarde a todas e a todos presentes. Meu nome é Débora e trabalho no Projeto Mulheres Migrantes do Instituto Terra Trabalho e Cidadania, o ITTC. Primeiramente gostaria de agradecer pelo espaço de fala e escuta e por poder contribuir com esse debate e conversa tão importante para a nossa realidade, principalmente de nós mulheres, negras, migrantes, indígenas, LBTQIA+ e do Sul Global.

Nós do Projeto Mulheres Migrantes no ITTC realizamos atendimento direto a mulheres migrantes em conflito com a lei, e o CEMIR nos propôs esse convite de vir falar um pouquinho hoje sobre a realidade dessas mulheres com o objetivo de dar visibilidade a essas histórias e vivências que na grande maioria das vezes são completamente marginalizadas já que existe um senso de moralidade para com as pessoas que praticam o crime. Isso é algo que precisa ser desconstruído. Essas mulheres são também vítimas de tráfico de pessoas, da vulnerabilidade social, da guerra às drogas, do racismo e do sexismo, entre muitos outros âmbitos da opressão.

Para iniciar, queria dizer que utilizamos o termo mulheres migrantes em conflito com a lei para nos referir àquelas pessoas que foram privadas de sua liberdade aqui no Brasil e que estão em cumprimento de pena ou que já terminaram de cumprir, em suas diversas modalidades (regime fechado, semiaberto, aberto, liberdade provisória, entre outros). Isso quer dizer que nos referimos a mulheres que se encontram presas dentro do cárcere e também àquelas egressas (sobreviventes) do sistema prisional.

Bom, e dentro de todo esse contexto, aparecem questões como: onde morar depois que se sai da prisão, o que comer, o que vestir, como fazer para trabalhar e, sintetizando, sobre como sobreviver “fora de lugar” e em conflito com leis desconhecidas.

Enquanto estão presas, geralmente, as mulheres migrantes não recebem visitas, nem jumbos, que são os kits de alimentos e materiais de higiene enviados pelas famílias para suprir a ineficácia do Estado. Portanto, a complexidade da situação dessas mulheres envolve uma série de violações e desafios desde quando estão presas até o momento em que progridem para o cumprimento de pena em meio aberto, ou mesmo depois do término da pena, pois partindo do pressuposto de que são migrantes que não tem uma rede de apoio no país, essa “liberdade” vem junto da falta de moradia, de emprego, familiares e por todos os empecilhos colocados à regularização documental e migratória.

São muitas as violações ocorridas no ambiente carcerário e, nesse sentido, as mulheres (cis e trans), homens trans e pessoas não binárias são vítimas desses delitos ainda perpetrados pela violência de gênero. Elas são as primeiras a terem seus direitos negados e a não serem consideradas suas necessidades, como por exemplo, acesso a absorventes e itens básicos de higiene. Para além disso, uma parcela significativa das mulheres presas é formada por mães, portanto os efeitos do encarceramento tomam uma forma complexa ao atingirem a mulher acusada/condenada por algum crime e seus filhos, filhas e familiares que dependem do seu trabalho e cuidado para sobreviver. Pensando ainda na situação das mulheres presas que são migrantes, além de todo esse contexto, elas enfrentam também barreiras sociais, linguísticas, culturais e uma falta ainda maior de rede de apoio por não estarem em seus países de origem.

Ainda falando sobre a maternidade, muitas vezes percebemos que essa condição é considerada como um agravante do crime pelo judiciário (em sua maioria composta por homens). A grande parte das mulheres que atendemos são presas aqui no Brasil por tráfico internacional de drogas e nos relatam justamente que por não terem condições financeiras de sustentar seus filhos e filhas, e que muitas vezes são mães solo, se encontram em uma posição na qual recebem uma oferta de trabalho, às vezes não sabendo do que se trata, apenas para conseguir dinheiro para sustentar os filhos.

Ao serem condenadas como traficantes, o histórico do motivo pelo qual ela realizou o crime é completamente desconsiderado e ainda as mulheres são submetidas a

um julgamento que diz que ela “deveria estar em casa cuidando dos filhos, ao invés de praticar o tráfico”, o que é usado como um agravante moral em sua pena.

O cumprimento de pena, na maioria das vezes, segue fora das prisões por conta da progressão de regime. Nesse sentido, depois de cumprir parte da pena no regime fechado, pode ocorrer progressão para o semiaberto e aberto. Por isso, a pessoa sobrevivente do cárcere ainda continua em cumprimento de pena após sair das unidades penitenciárias. Isso significa que ainda há várias restrições, além de que a reinserção social das mulheres acontece com várias dificuldades. Se ela não possui uma rede de apoio, como é o caso da maior parte das migrantes em cumprimento de pena, ela provavelmente não terá uma moradia garantida no momento da liberdade, nem terá os itens necessários para recomeçar, como roupas, documentos, celular, além disso, não terá apoio emocional e financeiro.

Portanto, a partir de tudo que foi aqui apresentado, decidi trazer uma narrativa que conta uma das histórias dessas mulheres construída pela nossa equipe a partir da realidade das mulheres que já atendemos. O nome da mulher em questão é fictício.

*Joana é uma mulher de 30 anos. Devido ao fato de ser mãe solo e ter sob seus cuidados três filhos pequenos, não conseguiu concluir o ensino médio. Trabalhava em um hotel e ganhava cerca o que hoje equivaleria a cerca de mil reais. Ela vivia em uma casa alugada com seus filhos e ainda ajudava financeiramente a sua mãe. Principal provedora da família, mais da metade de todo o salário recebido era destinado ao pagamento do aluguel da residência.*

*Diante das dificuldades financeiras pelas quais estava passando, um amigo indicou a viagem com proposta de trabalho. Era a primeira vez que viajava para o Brasil, tendo, ela mesma, juntado dinheiro para o financiamento. Comprou apenas a passagem de ida, sem retorno previsto. Chegando ao país, descobriu que o trabalho era, na verdade, prostituição. Pediu ajuda a uma tia, a qual lhe confiou alguns shampoos que tinham como destino um país da África Central. Após realizar esse*

*roteiro, poderia retornar ao seu país. Desconfiou da viagem e da bagagem, mas, em um cenário no qual não tinha meios de voltar para casa sozinha, aceitou a condição e viajou mesmo assim.*

*Ela foi presa pela Polícia Federal no Aeroporto de Guarulhos tentando sair do Brasil. Os policiais a abordaram antes mesmo do check-in. Comunicaram que ela foi denunciada. A droga foi encontrada dentro dos frascos de shampoo, contabilizando menos de 1 kg de cocaína. Levada para a delegacia do aeroporto, esperou durante um dia até que fosse encaminhada para a penitenciária. Foi acusada de tráfico internacional de drogas e sentenciada a 4 anos e 8 meses no regime semiaberto.*

Essa é apenas a história de uma dessas mulheres e, me encaminhando para o final da minha fala, gostaria de concluir dizendo que trazer à tona a realidade dessas mulheres, é essencial para que a luta pela qual aqui nos engajamos. Como disse Angela Davis: “Para o feminismo ser relevante ele precisa ser antirracista e incluir todas as mulheres das mais diversas esferas”.

E nesse sentido, na grande maioria das vezes, a existência, as realidades e os desafios das mulheres migrantes em conflito com a lei são completamente invisibilizados e marginalizados, à medida em que o moralismo, que anda em conjunto com o sexismo, racismo e com outras diversas formas de opressão, criam um arcabouço que sustenta a criminalização dessas pessoas, não apenas no sentido do crime, mas também através da negação de acesso a direitos fundamentais à cidadania e ao direito de existir.

Por isso, finalizo aqui minha participação, mais uma vez agradecendo a oportunidade de ter esse espaço de fala e escuta para trazer à tona essa temática e de poder fazer isso em conjunto com mulheres cujos trabalhos e ativismos são essenciais para a causa.

Obrigada, e passo minha palavra.